

REFLEXOS DA CRISE

Setores mais afetados pela pandemia

Profissionais revelam dificuldades e projetam que as perdas concentradas nos últimos sete meses não serão totalmente reparadas

TISA MORAES

Elas foram os primeiros a suspender as atividades e serão os últimos a retomar os negócios. Após sete meses de pandemia, alguns destes setores mais castigados pelas restrições impostas para frear a disseminação do novo coronavírus começaram a voltar ao trabalho, mas o processo ainda ocorre em ritmo lento.

São segmentos como escolas infantis, motoristas do transporte escolar, salas de cinema, além da cadeia que envolve o ramo de eventos, incluindo cerimonialistas, DJs e donos de buffets. Nesta reportagem do JC, profissionais

revelam as dificuldades que ainda estão enfrentando e projetam que os prejuízos acumulados durante este período só poderão ser parcialmente recuperados.

Apontam, ainda, que têm buscado maneiras de se reinventarem e se adaptarem a esta nova realidade, já que a plena normalização das atividades dependerá da disponibilização de vacina para a população, algo que ainda não tem prazo para ocorrer.

“Todo mundo ainda está sofrendo, em menor ou maior intensidade, as consequências da pandemia. É um longo período de paralisação e isso desestruturou toda a economia, levou ao fechamento de muitas empresas e ao aumento

do desemprego. Vai levar tempo para a completa reestruturação”, analisa Wallace Sampaio, presidente do Sindicato do Comércio Varejista (Sincomércio).

PERSPECTIVA

Especificamente para estes setores mais críticos, que serão “os últimos a voltar”, a previsão é de que uma situação um pouco mais confortável seja alcançada apenas em 2021. Para 2020, a projeção é de queda no Produto Interno Bruto (PIB) em aproximadamente 4% e que o País chegue à casa de 14 milhões de pessoas desempregadas.

“Já para 2021, a expectativa é que o PIB do Brasil cresça em 3,5%”, pontua

o economista Fred Matano, professor da Unisagrado. Como a crise é grave e a recuperação, lenta, ele acrescenta que os setores mais afetados terão de ser resilientes.

“As escolas infantis, por exemplo, terão de rever valores das mensalidades e fazer muitas promoções para recuperar as matrículas canceladas. Da mesma forma, os motoristas de transporte de alunos terão de negociar mensalidades. Já o setor de eventos, como temos visto em algumas cidades, tem apostado em sistemas de drive thru e drive-in para começar a fazer caixa novamente”, descreve. Veja, abaixo, as perspectivas, análises e estratégias de alguns destes setores mais prejudicados.

‘Matrículas para o ano que vem não chegam a 10%’



Malavolta Jr.

Gustavo Guelpa, mantenedor da escola Athena Educação Infantil e Berçário

“Pior do que as perdas financeiras é a incerteza”. Assim Gustavo Guelpa, mantenedor da escola Athena Educação Infantil e Berçário, define a situação enfrentada pelas instituições de ensino infantil de Bauru. Segundo ele, após sete meses, o setor acumula entre 60% e 70% de perdas de receita, o que forçou, por consequência, a demissão de parte dos funcionários.

Ele aponta que, em meados de setembro, normalmente, as escolas iniciam o período de matrículas para o ano seguinte. E, neste ano, a procura está em patamar ínfimo, em razão desta incerteza sobre o que vai ser em 2021.

“As escolas não conseguiram atingir 10% das matrículas para o ano que vem. E nossos custos continuam os mesmos, com aluguel, manutenção,

fora os investimentos que tivemos que fazer para adequação ao protocolo de biossegurança”, lamenta.

Por decisão da Prefeitura, as escolas públicas e privadas não retomarão as aulas presenciais neste ano, sendo que as da rede particular podem desenvolver atividades de acolhimento e reforço, com 20% da capacidade de cada sala de aula para crianças a partir de 4 anos de idade. Guelpa argumenta que, em razão desta restrição etária, as escolas infantis foram as maiores prejudicadas.

“E os pais das crianças menores são os que mais estão precisando, porque eles têm de trabalhar e deixar as crianças com alguém. Com isso, muitos acabaram contratando babás e, para compensar o gasto, pararam de pagar as mensalidades”, acrescenta.



Malavolta Jr.

Erasmus Cesar Pontes e Vitor Tallão, do Sindicato dos Condutores Autônomos de Bauru e Região

‘Muitos transportadores escolares desistiram da profissão’

As dificuldades enfrentadas pelos motoristas do transporte escolar não foram aliviadas nem mesmo com a reabertura das instituições de ensino particulares para a realização de atividades de reforço. Segundo o diretor do Sindicato dos Condutores Autônomos de Bauru e Região, Erasmus Cesar Pontes, como o número de alunos é limitado e as crianças nem sempre vão às aulas todos os dias, neste momento, na maioria dos casos, os próprios pais ou familiares estão levando as crianças para a escola.

“A proporção de transportadores escolares trabalhando hoje não deve passar de 1%”, acrescenta ele, que também atua no setor. Pontes revela que muitos profissionais não estão conseguindo pagar as contas em dia ou mesmo garantir comida no prato. Uma parcela, inclusive,

depende, há meses, das cestas básicas que são doadas pela Secretaria Municipal do Bem-Estar Social (Sebes).

“Tem quem esteja vendendo produtos de hortifruti, fazendo pão e bolo e entregando de porta a porta. Mas uns 10% já desistiram: ou venderam a condução ou a condução foi tomada por causa de dívidas. Teve um que me ligou nesta semana dizendo que precisa vender a van urgentemente para pagar prestações do apartamento que ficaram atrasadas”, descreve.

Alguns alívios devem ser trazidos pelo benefício de R\$ 600,00 que será pago pelo período de quatro meses pela prefeitura aos trabalhadores com renda familiar per capita de até meio salário mínimo. O projeto de lei, aprovado pela Câmara, precisa ser votado em segunda discussão nesta semana e sancionado pelo prefeito.

‘Cinema é uma das atividades que as pessoas mais querem retomar’

Uma pesquisa realizada pelo setor do cinema, por meio do movimento #JuntosPeloCinema, constatou que, depois das atividades ao ar livre, voltar às salas de cinema é o que as pessoas mais desejam. Além disso, 18,4% das quase 30 mil pessoas ouvidas disseram que irão retornar na primeira semana e 44,8%, assim que passar o primeiro mês da reabertura.

“Diante disso tudo, acreditamos que a experiência de ir ao cinema é única e as pessoas estão preparadas

para voltar”, considera Juliano Russo, diretor de marketing e comercial da Cinépolis Brasil.

Ele pontua, ainda, que dados da Associação Brasileira das Empresas Exibidoras Cinematográficas Operadoras de Multiplex (Abraplex) revelam que, devido à pandemia, o setor de exibição acumulou dívidas de cerca de R\$ 500 milhões, o que representa mais de 20% do total do faturamento com bilheterias.

“Na comparação com 2019, o se-

tor teve uma queda no faturamento em 2020 de aproximadamente 73%. No caso específico de Bauru, a reabertura dos cinemas ainda não foi autorizada pelo governo local e esta demora nos preocupa muito. Não faz sentido diversas cidades pelo Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, já terem retomado as exibições e Bauru não”, avalia, salientando que todos os protocolos foram adotados para receber o público com segurança e responsabilidade.



Nicolas Calligano/Divulgação

Juliano Russo, diretor de marketing e comercial da Cinépolis Brasil